



# Carta a nossos irmãos e irmãs em formação inicial

---

“A formação inicial apresenta um desafio árduo e apaixonante: o futuro (da Ordem) depende dela”.

Com estas palavras, nossos irmãos do Conselho Geral da Ordem, em Santa Sabina, abrem a apresentação de um ‘Livro sobre a formação’, concebido para o uso dos frades dominicanos do mundo inteiro, comprometidos na formação inicial. Este livro reúne somente os textos recentes sobre a formação inicial dos frades. No futuro, evidentemente, outros livros poderão tratar mais especialmente da formação inicial das monjas, dos leigos ou das irmãs, e da formação permanente.

Este livro apareceu em junho de 1999 e reúne num volume os principais documentos relacionados com a formação inicial, redigidos nos últimos anos: a ‘Ratio Formationis Generalis’, as cartas do Mestre da Ordem, os textos dos Capítulos Gerais desde 1980 e trechos de vários relatórios do Mestre da Ordem. O volume inclui também uma lista dos principais documentos mais recentes da Igreja sobre a formação dos religiosos. Escrita pelo Mestre da Ordem, a carta aos nossos irmãos e irmãs em formação inicial, serve igualmente de introdução ao Livro sobre a formação confirmando assim a convicção, do Mestre da Ordem e de seus Sócios, quanto a importância crucial da formação hoje na Ordem.

Festa do Beato Jordão de Saxônia, 1999

Queridos irmãos e irmãs em São Domingos

Vocês são um dom de Deus à nossa Ordem e nós honramos nosso Criador se acolhemos os seus dons. Isto nos obriga a oferecer-lhes a melhor formação possível. O futuro da Ordem depende dela, e é por isso que todos os Capítulos Gerais da Ordem dedicam tanto tempo a refletir sobre a formação. Como nestes últimos anos a Ordem elaborou excelentes documentos sobre a formação, mais que escrever uma longa carta sobre o assunto, repetindo tudo o que já foi dito, pensei que era melhor reunir todos estes documentos para que vocês e os(as) formadores(as) possam estudá-los facilmente. Mas desejo partilhar algumas palavras, dirigidas diretamente a vocês, irmãos e irmãs que estão no início da vida dominicana, sabendo que alguns dos seus formadores talvez queiram lê-la por cima dos ombros de vocês. Vou falar sobretudo da formação dos frades, porque a conheço melhor. Espero que também seja pertinente para a experiência de nossas irmãs.

Um dos meus grandes prazeres durante minhas visitas à Ordem é o de encontrá-los. Muitas vezes fiquei emocionado pelo entusiasmo que têm pela Ordem, pelo seu desejo de estudar e de pregar, pela sua alegria verdadeiramente dominicana. Mas a formação implicará

também momentos de sofrimento, desorientação, desânimo e perda de sentido. Vocês se perguntarão às vezes por que estão aqui, e se vocês devem continuar. Estes momentos são parte necessária e dolorosa da formação, na medida em que vocês forem crescendo como dominicanos. Se não houvesse estes momentos, a formação não os tocara em profundidade.

Na nossa tradição, formar não é moldar um sujeito passivo com o fim de fabricar um produto pronto: “um dominicano”. É a nossa maneira de acompanhá-los na resposta que dão ao tríplice apelo recebido do Senhor ressuscitado que os convida a segui-los, dos irmãos e irmãs que os convidam a ser um deles e dos imperativos da missão. Se vocês responderem plena e generosamente a estes apelos, então vocês mudarão. Isto exigirá de vocês uma morte com a esperança no Senhor, que dá a ressurreição. Será ao mesmo tempo doloroso e libertador, apaixonante e inquietante. Fará de vocês a pessoa que Ele quer que sejam. E este processo se prosseguirá durante toda a vida dominicana. Os anos de formação inicial são apenas o começo. Escrevo esta carta para animá-los em seu caminho. Não se dêem por vencidos quando o caminho se tornar difícil.

Para tratar deste tema tomarei como texto de referência o encontro de Maria Madalena, padroeira da Ordem, com Jesus no horto (João 20, 11-18).

“A quem procuras?” Quando Jesus encontra Maria, Ele pergunta: “A quem procuras?”. Nossa vida da Ordem começa com uma pergunta parecida quando nos prostramos no chão: “Que pedes?” É a pergunta que Jesus fez aos discípulos no início do Evangelho. Vocês vieram à Ordem com o coração sedento, mas de que? Será que foi porque vocês descobriram o Evangelho recentemente e desejam partilhá-lo com todos? Porque vocês encontraram um dominicano que admiram e querem imitar? Para fugir do mundo e suas implicações, da dificuldade de estabelecer relações humanas? Porque vocês sentiram o desejo de ser sacerdote e sentem a necessidade de uma comunidade? Porque vocês se interrogam sobre o sentido de suas vidas e querem descobri-lo conosco? Quem vocês procuram? Que pedem? Não podemos responder à estas questões no lugar de vocês, mas podemos acompanhá-los quando ela se coloca e ajudá-los a encontrar uma resposta honesta.

No curso de nossa vida dominicana podemos responder à esta questão de maneira diferente segundo os momentos. As razões que nos trouxeram à Ordem não são, necessariamente, as mesmas que nos fazem permanecer nela. Quando entrei na Ordem me sentia compelido, sobretudo, pela sede de compreender minha fé. O lema da Ordem, “Veritas”, me atraía. Duvidava que um dia teria a coragem de pregar um sermão. Mais tarde eu fiquei, porque este desejo se apoderou inteiramente de mi. Às vezes, nós não vemos muito claro porque estamos aqui e o que aspiramos. Talvez, o que nos mantenha seja apenas um vago sentimento: o de que é aqui o lugar para onde fomos chamados. A maioria vai até o fim porque, como Maria Madalena no jardim, estamos procurando o Senhor. A vocação é a história de um desejo, de uma sede. Nós permanecemos porque fomos fisgados e não pela promessa de realização pessoal ou por uma carreira. Eckhart diz: “O amor se parece com o anzol do pescador. O pescador não pode pegar o peixe se este não for fisgado pelo anzol... Quem está pendurado neste anzol é pego tão rapidamente que pés e mãos, boca, olhos, coração, e toda a pessoa pertencem a Deus. Tende esperança de que este anzol, felizmente, vai fisgar-vos, porque quanto mais presos estiverdes a ele mais livres sereis”.(1)

Talvez vocês acabem descobrindo que estão realmente à procura do Senhor ressuscitado, mas que são chamados a encontrá-lo numa outra forma de vida, por exemplo como discípulos casados. Talvez Deus os tenha chamado à Ordem por um curto período, para prepará-los a serem pregadores num outro estilo de vida. A alegria deste encontro pascal está no coração da vida dominicana. É a felicidade que partilhamos através da nossa pregação. Mas só crescemos nela, passando por momentos de perda. Aquele que Maria Madalena amava desapareceu: “Senhor, se fores tu que o tirastes, dize-me onde o pusestes e eu irei buscá-lo”. Ela chora a perda do amado. A entrada na Ordem, algumas vezes, pode ser marcada pela mesma experiência de desolação. Chegamos cheios de entusiasmo. Íamos nos entregar a Deus, rezar durante horas em êxtase. Mas parece que Deus se esconde. Rezar torna-se a tediosa repetição de longos salmos, nunca no bom momento, com irmãos que cantam mal. Podemos até pensar que a culpa do desaparecimento de Deus cabe à nossos irmãos. Por que alguns deles nem aparecem nos ofícios? O ensino que dão parece corroer a fé que me trouxe até aqui. A Palavra de Deus é dissecada nos seus cursos e nos dizem que não devemos tomá-la ao pé da letra. Onde foi que eles enterraram o meu Senhor?

“Jesus disse: Maria. Ela virou-se e exclamou em hebraico: Raboni - que quer dizer: Mestre”.

É preciso perder Cristo, se quisermos encontrá-lo de novo, invisivelmente vivo e surpreendentemente próximo. Temos que deixá-lo partir, ficar desconsolados, chorar sua ausência, para poder descobrir Deus mais próximo de nós do que poderíamos imaginar. Se não percorrermos este caminho permaneceremos imobilizados numa relação pueril e infantil a Deus. Faz parte de nossa formação ficar desorientados, confusos, como Maria no jardim, sem saber o que está acontecendo. Do contrário, não seremos nunca mais surpreendidos por uma nova intimidade com o Senhor ressuscitado. E é o que tem que acontecer, e re-acontecer, na medida em que o pescador nos puxa com o anzol. O Senhor aparece à Maria Madalena, lhe fala, e lhe pede para deixá-lo partir de novo: “Não me segure”

Quando parece que levaram o corpo do Senhor, não abandonem, não partam. Quando Jesus desapareceu, Pedro, como homem típico que era, voltou ao trabalho. Pode ser uma tentação, voltar á nossa vida de antes. Maria não desanimou, mas continuou a procurar, mesmo que fosse um corpo sem vida. Se nós perseveramos, como ela, teremos depois uma grata surpresa. Lembro-me muito bem de um longo período de desolação, durante os anos de profissão simples. Não que duvidasse da existência de Deus, mas Deus me parecia insuportavelmente distante, e parecia não ter muita coisa a ver comigo. Só anos mais tarde, depois da profissão solene, no jardim das Oliveiras em Jerusalém, é que o vazio foi preenchido. É possível que um dia eu tenha que suportar de novo esta ausência, e talvez serão vocês, meus irmãos e irmãs, que terão que me ajudar a agüentar firme e a prosseguir até a surpresa do próximo encontro.

Jesus disse uma só palavra, seu nome: “Maria!”. Deus sempre nos chama pelo nosso nome. “Samuel!”, chamou Deus três vezes na noite. Quem somos, nossa identidade mais profunda, nós o descobrimos respondendo a alguém que nos chama pelo nosso nome. “Eu ainda estava no seio materno, e Javé me chamou; eu estava ainda nas entranhas de minha mãe, e Ele pronunciou meu nome” (Isaias, 49,1). Assim pois, nossa vocação dominicana não é uma questão de arranjar um emprego, nem sequer de serviço útil à Igreja e à sociedade. É o meu

“sim” a Deus que me chama, o “sim” aos irmãos com que convivo, o “sim” à missão à qual sou enviado. Sou chamado à vida, como aquele que foi chamado a sair do túmulo por uma voz que lhe gritava: “Lázaro, saia para fora!”.

De forma que o objetivo fundamental da formação é o de nos ajudar a ser cristãos, a dizer “sim” ao Cristo. Do contrário, trata-se de um passatempo. Mas isso significa que torna-se dominicano é algo sem importância, um simples detalhe secundário? Não, porque é o caminho de Domingos no seguimento de Cristo. O primeiro nome do Cristianismo talvez tenha sido “o Caminho” (At. 9,2). Quando Domingos percorreu os caminhos do sul da França, descobriu um caminho para o Reino. A Ordem nos oferece, como caminho, um estilo de vida, com sua oração comunitária, sua forma de governo, sua maneira de fazer teologia e de ser irmão. Quando fazemos teologia apostamos em que este estranho caminho de vida possa nos conduzir ao Reino.

Portanto, não fico aguardando ser um bom cristão para ser um pregador. Partilhar a Palavra de Deus é parte integrante da minha busca do Senhor no jardim. Quando pejo para achar uma palavra, sou como Maria Madalena, suplico ao jardineiro para que me diga onde puseram o corpo do meu Senhor. Se posso partilhar minha luta pela palavra, então posso também partilhar este momento de revelação no qual o Senhor me diz meu nome. É preciso ousar se debruçar no túmulo e constatar a ausência do corpo para poder partilhar também o encontro que há de vir. Ser pregador é compartilhar todos os momentos deste drama no jardim pascal: desolação, interrogação, revelação. Mas se falo como alguém que sabe tudo, que nunca tem dúvidas, os outros poderão ficar impressionados pelos meus conhecimentos, mas sentirão que estes não tem nada a ver com eles.

“Vai encontrar meus irmãos”. Jesus chama Maria pelo seu nome e a envia a seus irmãos. Nós respondemos ao chamado de Deus tornando-nos um dos irmãos. Tornar-se irmão é muito mais do que pertencer a uma comunidade e vestir um habito. Supõe uma profunda transformação do meu ser. Ser irmão de sangue é muito mais do que ter os mesmos pais: implica relações que, pouco a pouco, fizeram de nós o que somos. Analogamente, ser um irmão de Domingos exige uma transformação paciente, às vezes dolorosa, do que sou. Haverá momentos, às vezes longos, de morte e ressurreição.

É verdade que a maioria dos frades dominicanos são sacerdotes e que nós pertencemos a um «Instituto clerical», mas a ordenação não nos faz menos irmãos. Durante meus anos de formação cheguei a querer ser um deles. Não queria nada mais. Aceitei a ordenação, porque meus irmãos me pediram, e para o bem da missão. Acabei valorizando o sacerdócio pela expressão sacramental que a comunhão e a misericórdia, que estão no coração de nossa vida fraterna, encontram nele para a igreja universal. Mas permaneci o mesmo irmão que antes. Não há título mais elevado na Ordem. Razão suplementar para que eu continue acreditando na importância, para o futuro da Ordem, de se promover a vocação dos irmãos cooperadores - uma palavra que não me agrada. Estes últimos nos lembram que somos irmãos de Domingos. Não pode existir irmãos de segunda classe na Ordem.

Lembro-me da visita de um sacerdote de uma outra Província à nossa comunidade de Oxford, quando eu era estudante. Quando chegou, havia um dominicano varrendo a entrada.

O visitante lhe perguntou: “Você é um irmão?”. “Sim”, respondeu. “Irmão, então me traz uma xícara de café, por favor”. Depois do café, ele pediu ao irmão que carregasse suas malas até o quarto. E, finalmente, o visitante disse: “Agora, irmão, eu gostaria de falar com o prior”. O frade respondeu: “Sou eu, o prior”.

Ser irmão - diferentes visões. Ser irmão é descobrir que vocês são parte de nós. É se sentir em casa com seus irmãos. Mas nós dominicanos, podemos ter concepções bastante distintas do que significa ser irmão. Um dos choques possíveis que podemos ter, ao entrar no noviciado, é o de descobrir que os meus colegas noviços chegam com visões da vida dominicana bem diferentes da minha. Quando entrei estava extremamente atraído, não apenas pela busca da “Veritas”, mas também pela pobreza dominicana. Me imaginava na rua mendigando a comida. Logo descobri que meus colegas noviços consideravam isto um romantismo ridículo. Alguns de vocês se sentirão atraídos pelo amor do estudo; outros, pelo desejo de lutar por um mundo mais justo. Talvez, vocês se escandalizem vendo outros noviços desempacotando enormes quantidades de livros ou um aparelho de CD. Alguns desejariam usar o hábito vinte quatro horas por dia, enquanto outros querem tirá-lo assim que o recebem. Facilmente pisoteamos os sonhos uns dos outros.

Freqüentemente existem tensões entre gerações de frades. Alguns jovens que chegam à Ordem, hoje em dia, dão grande valor à tradição e aos sinais exteriores de identidade dominicana: o estudo de São Tomás, os cantos e hinos tradicionais da Ordem, as celebrações de nossos Santos. Os frades de uma geração, muitas vezes, se espantam com este desejo de identidade dominicana claro e explícito. Para eles a aventura consistiu em deixar de lado as formas antigas que se interpunham entre nós e a pregação do Evangelho. Tínhamos que estar nas estradas, lá onde todos estão, vendo as coisas através de seus olhos, anônimos para estar próximos. Às vezes, isto provoca uma certa incompreensão, inclusive uma suspeita recíproca. As Províncias que hoje são florescentes são geralmente as que conseguiram ultrapassar este tipo de conflito ideológico. Como construir uma fraternidade mais profunda que essas diferenças?

Em primeiro lugar, aprendo a reconhecer em cada irmão o mesmo profundo ardor evangélico. Com ou sem hábito, nós pregamos o mesmo Senhor ressuscitado. Sempre me senti à vontade com os irmãos, seja sentado com algum deles às margens de um rio da Amazônia, recitando salmos em mangas de camisa, seja celebrando uma elaborada liturgia polifônica em Toulouse. Para além das exigências de nossos votos e nossas Constituições, pode-se reconhecer em nós um certo ar de família: uma qualidade de alegria; um sentido de igualdade entre todos os irmãos; uma paixão pela teologia, mesmo que seja com tendências completamente contraditórias; uma confiança em nossas tradições democráticas; uma ausência de pretensões. Tudo isto evoca um modo de vida comum por maiores que sejam nossas diferenças superficiais.

Em segundo lugar, nossas diferentes maneiras de ver a vida dominicana podem ser formadas por momentos diferentes da história da Igreja e da Ordem. Muitos de nós, que nos formamos na época do Concílio Vaticano II, crescemos num catolicismo seguro de si e de sua identidade. Nossa aventura consistia em ir até àqueles que estavam longe de Cristo, rompendo as barreiras. O que anima os irmãos e as irmãs dessa geração é, às vezes, o desejo

de estar próximo do Cristo invisível, presente em cada fábrica, em cada bairro, em cada universidade. Suprimimos uma identidade visível por amor à pregação. Nossos padres-operários, por exemplo, foram um sinal do Deus próximo, mesmo para aqueles que pareciam ter esquecido até o seu nome. Muitos dos que chegam à Ordem hoje, especialmente no Ocidente, seguiram um caminho diferente, crescendo longe do cristianismo. Talvez vocês agora desejem celebrar e afirmar a fé que abraçaram e começaram a amar. Vocês querem ser reconhecidos como dominicanos porque isto também faz parte da pregação. O mesmo entusiasmo evangélico pode conduzir uns a por o hábito, outros a tirá-lo.

Esta tensão é, no final das contas, fecunda e necessária à vitalidade da Ordem. Da mesma maneira que o nascimento de uma criança modifica a vida de toda a família, cada geração de jovens que chega à Ordem muda a comunidade fraterna. Vocês chegam com suas questões, para as quais nem sempre temos respostas. Chegam com seus ideais, que revelam, às vezes, nossas insuficiências, com seus sonhos, que não são necessariamente os nossos. Vocês chegam com seus amigos e suas famílias, suas culturas e suas tribos. Vocês vem nos incomodar, e é por isso que precisamos de vocês. Em geral, vocês chegam com exigências que, de fato, são essenciais à nossa vida dominicana e que, muitas vezes, nós esquecemos ou negligenciamos: uma oração comunitária mais bela e profunda; uma fraternidade mais íntima, na qual prestemos mais atenção uns aos outros; a coragem de deixar nossos velhos compromissos e começar caminhos novos. Muitas vezes a Ordem se renova porque os jovens chegam e insistem em construir a vida dominicana, conforme o que leram nos livros. Continuem a insistir!

É fácil para nós, que chegamos antes de vocês, de dizer-lhes, irritados: «São vocês que estão vindo até nós; não somos nós que estamos indo a vocês». Isto é verdade pela metade. Quando chegamos à Ordem nós nos entregamos nas mãos dos que ainda estão por vir. Prometemos obediência àqueles que ainda nem nasceram. É verdade que não temos que reinventar a Ordem à cada geração, mas o gênio de São Domingos foi, entre outros, o de ter fundado uma Ordem da qual a adaptação e a flexibilidade são partes integrantes. Necessitamos de ser reformados por aqueles que foram cativados pelo entusiasmo da visão de Domingos. Não devemos recrutá-los para travar nossas velhas batalhas. Temos que resistir à tentação de catalogá-los nas categorias da nossa juventude, etiquetando-os de «conservadores» ou «progressistas», da mesma forma que vocês não devem nos considerar como velhas relíquias «dos anos setenta».

Aqueles que chegaram antes, também serão um desafio para vocês, pelo menos assim o espero. Aceitar que existem diferentes maneiras de ser dominicano, não quer dizer que cada um possa simplesmente inventar sua própria interpretação. Por exemplo, não posso decidir por mim mesmo que os votos são compatíveis com o ter uma amante ou um carro de corrida. Nosso modo de vida implica certas exigências objetivas e inevitáveis; e afinal de contas, devem me convidar a sofrer uma profunda transformação de meu ser. Se me esquivo, jamais chegarei a ser um irmão.

Sobretudo as diferentes concepções do que é um dominicano não deveriam nunca nos dividir realmente, porque a unidade da Ordem não repousa numa linha ideológica comum, nem mesmo numa única espiritualidade. Se assim fosse, já nos teríamos divididos há muito tempo. O que nos une é um caminho de vida que admite uma grande diversidade e flexibilidade, uma missão comum e uma forma de governo que dá voz à cada pessoa. O leão e

o cordeiro dominicanos podem muito bem viver juntos, desfrutando da companhia um do outro.

No começo da vida da Ordem escreveu-se “A vida dos frades” para registrar a memória da primeira geração de nossos irmãos. Estamos ligados como comunidade, tanto pela história do passado, como pelos sonhos do futuro. Os sinais visíveis da identidade dominicana têm seu valor e nos dizem algo importante sobre quem somos, mas não devem ser estandartes de batalha de bandos rivais. Os dominicanos, cuja memória nós valorizamos justamente como um tesouro, eram tão apaixonados pela pregação que não tinham muito tempo para se preocupar com sua identidade dominicana. Como escreveu frei Simon Togwell, “Através de toda a sua história, foi quando a Ordem menos se preocupou em ser dominicana que ela se manteve mais fiel a si mesma”.(2) A formação deve realmente nos dar um forte sentido da identidade dominicana, e nos ensinar nossa história e nossas tradições. Não para que contemplemos a glória da Ordem e o quanto fomos e somos importantes, mas para que possamos seguir o caminho do Cristo pobre e itinerante. Um forte sentido de identidade nos libera da preocupação de pensar demasiadamente em nós mesmos; do contrário, estaremos ocupados demais para poder ouvir a voz que nos pergunta: “Quem procuras?”.

Falar e escutar. Sabemos que estamos em casa, quando podemos falar uns com os outros, confiantes que nossos irmãos, ao menos, procurarão nos entender. Esta é, provavelmente, nossa expectativa quando chegamos à Ordem. Jesus diz a Maria: “Vai encontrar meus irmãos e dizer-lhes: subo para junto de meu Pai, que é Pai de vocês”. Ela é encarregada de partilhar sua fé no Senhor ressuscitado, mesmo que seus irmãos pensem que ela se ilude. Assim, nós construímos um lar comum na Ordem, ousando compartilhar o que nos conduziu até ela. Algumas vezes será difícil. Provavelmente, chegamos pensando encontrar pessoas com a mesma visão das coisas, com os mesmos sonhos e a mesma maneira de pensar. Mas descobrimos que os outros vieram à Ordem por caminhos tão diferentes que não podemos nos reconhecer no que eles dizem. Hesitaremos talvez a expor o que há de mais precioso, nossa fé frágil, ao exame e à crítica. Partilhar nossa fé exige uma grande vulnerabilidade. Às vezes, é bem mais fácil fazê-lo com pessoas com as quais não temos que compartilhar a vida.

Um dos principais desafios para os formadores é o de dar a vocês uma confiança suficientemente forte para que possam falar livremente. Martin Buber escreveu que “A questão decisiva é a de saber se os jovens estão dispostos a falar. Se alguém os trata com confiança, mostra que acredita neles, eles lhe falarão. A primeira necessidade é a do mestre despertar em seus discípulos a mais valiosa de todas as coisas: uma autêntica confiança”.(3) Também é muito importante que vocês tenham confiança uns nos outros. Talvez, à vezes, vocês tenham até mesmo a coragem de partilhar suas dúvidas.

A cultura ocidental contemporânea cultiva sistematicamente a suspeita. Ensina-nos à procurar o que está por trás do que os outros dizem para chegar ao inconfessável, ao dissimulado e, até mesmo, inconsciente. Na Igreja, às vezes, isto pode tomar a forma de uma caça ao erro, quando se escuta as declarações para descobrir heresias. Este irmão é um verdadeiro discípulo de São Tomás ou da teologia da libertação? É um dos nossos? É muito mais fácil descobrir quando um irmão está no erro e renega um dogma da Igreja ou de uma das minhas ideologias preferidas, do que ouvir o pequeno grão de verdade que ele se esforça de

compartilhar conosco. Mas esta crítica é destrutiva para a comunidade. Ela nasce do medo, e só o amor expulsa o medo.

Aprender a nos escutar uns aos outros é uma disciplina intelectual. Benedict Ashley escrevia: “É preciso uma nova ascese do pensamento, porque nada é tão difícil como preservar a caridade num autêntico debate sobre questões importantes”.(4) Amar seu irmão, não é apenas uma emoção agradável e calorosa, mas uma disciplina mental. Tenho que me abster de reprovar como obscuro o que o meu irmão disse, sem ter escutado o que ele realmente está querendo me dizer. É um ascetismo mental de abrir o espírito à opinião inesperada. Ela implica em aprender a silenciar, não apenas na espera que o outro pare de falar, mas para escutá-lo. Devo calar minhas objeções defensivas e resistir ao urgente desejo de interrompê-lo, antes que diga outra palavra. Devo me calar e escutar.

A conversação constrói uma comunidade de iguais e, por isso, devemos construir a comunidade da Família Dominicana tomando tempo para falar com nossas irmãs e com os leigos dominicanos, e encontrar prazer nisto. A conversação edifica o amplo lar de Domingos e Catarina. Ela “exige a igualdade entre os participantes. É, de fato, um dos caminhos mais importantes de se estabelecer a igualdade. Seus inimigos são a retórica, a controvérsia, os chavões, as linguagens codificadas ou o desespero de não ser escutado ou compreendido. Para desabrochar ela tem necessidade de ‘parteiras’ dos dois sexos... Só começaremos a ser iguais quando aprendermos a conversar...”(5) Um dos desafios para nós frades, é o de permitir que as irmãs nos formem como pregadores. A formação mais profunda sempre é mútua.

Ser fortes e fracos. Estamos em nosso lugar, em nossa casa, quando nos damos conta de que somos mais fortes do que pensamos, e mais fracos do que ousamos admitir. Estas não são qualidades opostas, são sinais que começamos conformar-nos ao Cristo poderoso e vulnerável. Somos formados, em primeiro lugar, como cristãos. Na nossa tradição, isto significa não tanto a submissão progressiva aos mandamentos, o domínio de nossa natureza indisciplinada, quanto o crescimento na virtude. Ser virtuosos nos torna fortes, simples de coração, livres e capazes de andar com nossos próprios pés. Como escrevia Jean-Louis Bruguès, a virtude é um aprendizado da humanidade: “é passagem da virtualidade à virtuosidade”.(6)

Torna-nos irmãos, significa receber nossa formação uns dos outros. Não somos solistas. É uma força que nos libera, mas juntos, não à margem dos outros. Num primeiro momento, tornamo-nos fortes, porque temos confiança uns dos outros. Na origem de nossa tradição está a ilimitada confiança de Domingos nos seus irmãos. Ele confiou nos irmãos porque tinha confiança em Deus. Como escreveu João de Espanha: “Ele tinha tanta confiança na bondade de Deus que enviou homens ignorantes para pregar dizendo: não tenham medo, o Senhor estará com vocês e porá força em seus lábios”.(7)

Assim pois, o primeiro dever do formador de vocês é o de lhes dar confiança. Mas também é a responsabilidade que vocês têm, uns para com os outros, porque geralmente os que estão em formação se formam entre si. Vocês têm o poder de destruir um irmão, de solapar sua confiança, de zombar dele. Como têm o poder de fazê-lo crescer, de lhe dar força, de formá



-lo como pregador da vigorosa Palavra de Deus.

Está escrito nas nossas Constituições que “incumbe ao próprio candidato a responsabilidade primeira da sua formação” (LCO 156). Não devemos ser tratados como crianças incapazes de tomar decisões por si mesmas. Crescemos como irmãos, membros iguais da comunidade, quando somos tratados como adultos, maduros. Nos tempos de Domingos não há vestígios do tradicional “circator” monástico, cujo trabalho era de ir por toda parte fiscalizar se cada um estava fazendo o seu dever. Mas esta é uma responsabilidade que não exercemos sozinhos. Se somos irmãos, ajudaremos uns aos outros na liberdade de pensar, de falar, de arriscar, de transcender o medo. Ousaremos nos questionar uns aos outros.

Se crescemos como irmãos, seremos suficientemente fortes para enfrentar nossa fraqueza e nossa fragilidade, isto é, antes de mais nada, o que um amigo meu chamou de “sabedoria das criaturas”.(8) Saber que fomos criados, que nossa existência é um dom, que somos mortais e vivemos entre nascimento e morte. Despertamo-nos para o fato de que não somos deuses. Sentimo-nos seguros sobre nossos pés, estes pés são os nossos, mas nossos pés são um dom.

Descobriremos também, que não entramos para a comunhão dos Santos, mas num grupo de homens e mulheres fracos, indecisos; que necessitamos continuamente nos levantar de nossos fracassos. Já escrevi em outro lugar sobre este momento de crise na formação de um irmão.(9) O herói amado e admirado pelo noviço revela-se alguém que tem pés de argila. Mas foi sempre assim. É uma das razões pelas quais temos como padroeira da Ordem Maria Madalena, que, segundo a tradição, foi uma mulher fraca e pecadora, mas foi chamada a ser a primeira pregadora do Evangelho.

Há mais de quinhentos anos, Savonarola escrevia a um noviço que estava, de toda evidência, escandalizado pelos pecados dos irmãos. Savonarola o previne contra aqueles que entram na Ordem esperando entrar diretamente no paraíso. Eles nunca ficam. “Desejam viver entre os santos, rejeitando os maus e dos imperfeitos. E quando não encontram o que querem, abandonam sua vocação e vão embora... se quereis fugir de toda maldade, é este mundo que deveis deixar”.(10) Esta confrontação com a fragilidade é, freqüentemente, um momento estupendo na maturação de uma vocação. É então que descobrimos que somos capazes de dar e receber a misericórdia que pedimos à Ordem. Se somos capazes de fazê-lo, então estamos em via de nos tornar um irmão e um pregador.

Um dos temores que podem nos frear na fé, nesta misericórdia, é a preocupação de que, se os irmãos vissem o que realmente somos, talvez não votariam favoravelmente para a nossa profissão. Podemos ser tentados a esconder o que somos até estarmos dentro, salvos e seguros: professos e ordenados invulneráveis. Aceitar isto, seria se conformar com uma formação falsa. A formação se tornaria um exercício de dissimulação, de hipocrisia, numa Ordem cujo lema é “Véritas”! Deveríamos acreditar suficientemente nos irmãos para deixá-los ver quem somos e o que pensamos. Sem esta transparência não há fraternidade. Isto não significa que devamos nos colocar de pé no refeitório e proclamar nossos pecados, mas não podemos criar uma máscara para nos escondermos. Se nós ousamos abraçar esta vulne-

rabilidade é porque o Cristo o fez antes de nós. Ela nos prepara a pregar uma palavra digna de confiança e honesta.

Fidelidade e amor aos irmãos. Finalmente, existe uma qualidade difícil de definir que chamarei de fidelidade - para Péguy “a mais bela das palavras”. No coração de nossa pregação está a fidelidade a Deus. Ele nos deu sua palavra, e sua palavra se fez carne. É uma palavra na qual podemos crer e que faz da história da humanidade uma história que marca para um ponto determinado e não uma história de acontecimentos aleatórios. É a palavra forte e poderosa daquele que disse: “Eu sou aquele que sou”. É a fidelidade que devemos tentar encarnar nas nossas vidas. O matrimônio é um sacramento da fidelidade de Deus que se uniu a nós irrevogavelmente em Cristo. Ser fieis, uns aos outros, é também parte integrante de nossa pregação do Evangelho.

O que significa isto? Em primeiro lugar, o compromisso que assumimos com a Ordem. Deus nos deu sua Palavra, o Verbo que se fez carne, ainda que isto o tenha levado a uma morte insensata. Nós demos nossa palavra a Deus, ainda que nossa promessa possa parecer exigir de nós mais do que acreditamos nos ser possível. Lembro-me, quando era provincial, de ter falado com um irmão já idoso que estava morrendo de um câncer. Era um homem bom e amável, que tinha passado por momentos difíceis e incertos na sua vida dominicana. Ele me disse: “creio que vou acabar realizando minha ambição de morrer na Ordem”. Essa ambição pode parecer pequena, mas é essencial. Ele tinha dado sua palavra e sua vida. Ele se alegrava por não ter, apesar de tudo, retomado o dom que tinha feito.

Em segundo lugar, significa que nossa missão comum tem prioridade sobre meu programa pessoal. Tenho meus talentos, minhas preferências e meus sonhos, mas fiz dom de mi mesmo à nossa pregação comum da Boa Nova. Essa missão comum pode exigir a aceitação momentânea de cargos não desejados, como o de síndico, mestre de noviços ou de estudantes, ou da Ordem, para o bem comum. Um ônibus pode se assemelhar a uma sala comum. Está cheio de pessoas sentadas, todas juntas, que falam ou lêem, compartilhando um espaço comum. Mas quando a rota do ônibus se desvia da direção da minha viagem, posso deixar o ônibus e continuar por minha própria conta. Seria a Ordem para mi um ônibus no qual só permaneço, quando me conduz na direção que desejo?

A fidelidade implica também que eu tome posição em favor de meus irmãos, pois a reputação deles é a minha. Nas nossas ‘Constituições Primitivas’ um dos deveres do mestre de noviços era o de lhe ensinar a “sustentar o bem”. Devemos interpretar sempre da melhor maneira possível o que os nossos irmãos disseram ou fizeram. Se um irmão chega regularmente tarde a noite, em vez de ficar imaginando os terríveis pecados que cometeu, deveríamos supor que ele estava visitando um doente. Savonarola escreveu ao noviço crítico: “Se vês algo que não te agrada, pensa que foi feito com boa intenção: muitos são, no fundo, melhores do que parecem”. É muito mais que um otimismo ingênuo. Faz parte daquele amor que olha o mundo com os olhos de Deus: que o chama bom. Santa Catarina de Sena escreveu a Raimundo de Cápua para lhe assegurar que podia confiar no amor que ela tinha por ele, e que, quando nós amamos alguém, damos a melhor interpretação do que ele faz, confiantes de que procura o bem; “Além do amor em geral, existe um amor particular que se exprime na fé. E ele se exprime de tal maneira que não pode crer ou imaginar que o outro

pudesse desejar outra coisa que o nosso bem”.(12)

Se meu irmão é condenado como mau, ou pouco ortodoxo, a fidelidade, neste caso, exige que eu faça tudo o que está ao meu alcance para apoiá-lo e dar a melhor interpretação possível dos seus atos ou idéias. É por causa desta fidelidade mútua que o prólogo das Constituições de 1228 estabelecia a regra, a ser observada “perpetuamente de maneira inviolável e imutável”, que ninguém deveria apelar fora da Ordem contra as decisões tomadas pela Ordem. Seria, por conseqüência, praticamente inimaginável que um irmão acuse um dos seus irmãos ou negue-lhe solidariedade publicamente.

Esta fidelidade implica não apenas que eu defenda meu irmão, mas que eu o afronte. Se ele é meu irmão, devo me interessar pelo que ele pensa, e ousar não estar de acordo com ele. Não posso deixar isto unicamente aos cuidados dos superiores, como se não fosse problema meu. Mas devo fazê-lo de frente, e não por trás. Posso ter medo de agir assim, temendo uma reação de hostilidade e rejeição. Mas, segundo minha experiência, se deixamos claro que estamos falando com franqueza por amor à verdade e por amor de nosso irmão, sempre se chega a uma amizade e à uma compreensão ainda mais profunda.

Eis aqui, pois, alguns elementos da formação de um irmão: falar e escutar uns aos outros. Aprender a ser forte e fraco; crescer numa fidelidade recíproca. Tudo isto se refere ao que é mais fundamental: aprender a amar os irmãos. Com o vigor que caracteriza nossas relações aos outros, nós dominicanos poderíamos hesitar em usar tal linguagem. Poderia soar meloso e sentimental. E, no entanto, é a base primeira de nossa fraternidade. É o que exige de nós aquele que nos chama: “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (João 15, 12).

É o mandamento fundamental de nossa fé. É obedecendo-o que nos tornamos cristãos e irmãos. São Domingos dizia que tinha aprendido «mais no livro da caridade do que no livro dos homens”.(13) Isto significa, finalmente, que consideremos o outro como um dom de Deus. Meu irmão ou irmã podem me irritar, posso discordar totalmente de suas opiniões, mas vou aprender a me comprazer em sua companhia e a descobrir sua bondade.

Há uma relação fundamental entre amor e vocação. Jesus olhou o jovem rico e o amou, convidou-o a segui-lo, da mesma forma que olhou para Maria Madalena e a chamou por seu nome. Estevão de Espanha conta que um dia foi se confessar com São Domingos: “Ele me olhou como se me amasse”.(14) Mais tarde, nessa mesma noite, Domingos o chamou e lhe deu o hábito. O amor é, como diz Eckart, o anzol do pescador que fisga o peixe e não o larga mais. Devo confessar que decidi entrar na Ordem antes de encontrar um só dominicano, atraído pelo que tinha lido nos livros. Talvez isto possa ser uma benção também!

Não há nada de sentimental neste amor. Às vezes, temos que trabalhar este amor e lutar para superar preconceitos e diferenças. É o trabalho de se fazer irmão. Lembro-me que havia um irmão com quem me era difícil conviver. Qualquer coisa que fizéssemos ou falássemos irritava o outro. Uma noite, decidimos ir ao teatro juntos --solução tipicamente inglesa.

Conversamos horas seguidas, aprendendo do outro sua infância e suas lutas. Pela primeira vez, pude enxergar através de seus olhos e me ver tal qual eu era para ele. Foi o começo de uma amizade e fraternidade.

“Eu vi o Senhor” Maria Madalena vai encontrar seus irmãos, e lhes diz: “Eu vi o Senhor”. Foi a primeira pregadora da ressurreição. Ela é pregadora porque é capaz de ouvir o Senhor quando ele chama, e de partilhar a Boa Nova da vitória do Cristo sobre a morte. Tornar-se pregador é muito mais do que aprender um certo número de informações para ter algo a dizer; ou alguma técnica de pregação para saber como dizê-lo. É ser formado à ouvir o Senhor e pronunciar uma palavra que oferece vida. Isaías diz: “O Senhor me chamou desde o ventre de minha mãe: desde as entranhas de minha mãe, ele pronunciou o meu nome. Fez de minha boca uma espada afiada e à sombra de sua mão me abrigou” (Is. 49, 1b-2a). Foi a vida inteira de Isaías que o moldou e preparou para pronunciar a palavra profética. A Ordem deve lhes oferecer mais do que uma formação teológica: uma vida que faz de vocês pregadores. Nossa vida comunitária, a oração, as experiências pastorais, as lutas e os fracassos, nos tornarão capazes de escutar e proclamar a palavra por caminhos que não podemos prever.

Um dos meus predecessores como provincial da Inglaterra foi o frei Anthony Ross. Foi famoso como pregador, historiador, reformador de cárceres e também como lutador! Um dia, pouco depois de sua eleição, foi acometido de uma apoplexia fulminante e quase reduzido ao silêncio. Teve que se demitir, como provincial, e aprender a falar de novo. Mas as poucas palavras que chegava a pronunciar eram mais poderosas que todas as que dizia antes. As pessoas vinham se confessar com ele, ouvir suas palavras simples e apaziguantes. Seus sermões, de meia dúzia de palavras, mudaram a vida de muitas pessoas. Foi como se o sofrimento e o silêncio tivessem formado um pregador capaz de nos oferecer palavras de vida, como nunca antes havia feito. Fui vê-lo antes de partir para o Capítulo Geral do México - donde, para minha grande surpresa, nunca retornei para a minha Província. Sua última palavra antes de minha partida foi “coragem!”. Este tipo de palavra é o maior presente que se pode dar a um irmão.

Uma palavra cheia de compaixão. Maria Madalena anuncia aos discípulos: “Eu vi o Senhor!”. Não é apenas a simples constatação de um fato, mas a partilha de uma descoberta. Ela compartilhou sua perda, sua angústia, seu pranto, e ela pode agora partilhar com eles seu encontro com o Senhor ressuscitado. Ela pode partilhar a Boa Nova com eles porque é uma Boa Nova para ela.

O Verbo que pregamos é aquele que compartilhou nossa humanidade. “pois não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado como nós, em todas as coisas, menos no pecado”. (Hebr. 4, 15). Para pregar devemos nos encarnar em mundos diferentes, tais como o da nova cultura contemporânea, ou numa ilha da Micronesia, no mundo dos drogados ou no dos homens de negócios. Precisamos entrar no mundo, aprender sua linguagem, ver através dos olhos de seus habitantes, estar na sua pele, compreender suas fraquezas e suas esperanças. Devemos, de uma certa forma, ser eles. Depois, podemos pronunciar uma palavra que seja uma boa nova para eles e para nós. Isto não quer dizer que estejamos sempre de acordo com eles. Muitas vezes, teremos

que desafiá-los. Mas para isto, antes de mais nada, precisamos sentir bater o coração de sua humanidade.

É de tradição na Igreja festejar o Senhor desde a aurora.

Continuamos sendo os vigias esperando a alvorada, para poder compartilhar nossa esperança com aqueles que não vêem os sinais do sol nascente. É porque entrevi suas trevas ou, talvez, por tê-las também atravessado, que posso compartilhar com eles as palavras que evocam “a bondade do coração do nosso Deus, que vem nos visitar como a aurora que vem do alto” (Lc. 1, 7-8). Muitas vezes podemos fazê-lo, graças ao que somos e ao que vivemos. Maria Madalena procurou o corpo do Senhor com a ternura que tinha aprendido ao longo de uma vida marcada, segundo a tradição, por seus próprios pecados e fracassos. Foi esta vida que a preparou a ser aquela que procura o homem que ela amava e que o reconhece quando ele a chama por seu nome. Um dos dons mais preciosos que vocês trazem à Ordem é a própria vida de vocês, com seus fracassos, suas dificuldades, seus momentos de obscuridade. Posso até considerar um pecado do passado como uma feliz culpa: ele me preparou a pronunciar uma palavra cheia de compaixão e de esperança para outros que vivem a mesma derrota. Posso compartilhar com eles o despontar do sol.

Em outras áreas, temos necessidade de uma formação à compaixão, de uma educação do coração, de um espírito que quebre em nós tudo o que é coração de pedra, farisaico, arrogante e crítico. Uma das coisas que fiz durante meu insólito noviciado, foi o de visitar regularmente, na prisão, os delinqüentes sexuais. Eles são, talvez, as pessoas mais desprezadas de nossa sociedade. Descobri que não eram pessoas diferentes das outras. Podemos escutar juntos o Evangelho. Portanto, nossa formação poderia fazer cair nossas defesas contra aqueles que são diferentes e pouco simpáticos, aqueles que nossa sociedade despreza: os mendigos, as prostitutas, os criminosos, essa gente com a qual a palavra de Deus passou o seu tempo. Aprendemos a acolher os dons que eles tem para nos oferecer se nossas mãos estão abertas.

O pregador ideal é aquele que é tudo para todos (cf. I Cor. 9, 22); perfeitamente humano. Não conheço nenhum dominicano assim, e devemos admitir nossos limites. Durante vários anos fui, uma noite por semana, em um asilo para os sem-teto em Oxford, preparar a sopa e conversar com eles. Mas, reconheço ainda hoje, que isto não me entusiasmava. Detestava o cheiro, e a conversação dos bêbados me aborrecia; sabia que a minha sopa não era um êxito, e tinha pressa de voltar para casa e ler meus livros. Mas não me arrependo dessas horas. O muro com os meus irmãos e irmãs da rua foi em parte derrubado.

A compaixão formará nossas vidas como nunca tínhamos pensado. Estudante em Palência, São Domingos se deixou comover de compaixão pelos flagelados, e vendeu seus livros. Só ficou no sul da França e fundou a Ordem porque se sensibilizou pela situação desesperada daqueles que tinham sido submergidos por uma heresia destruidora. Toda a sua vida foi modelada pela resposta a situações imprevisíveis. Este homem misericordioso esteve sempre à mercê dos outros, vulnerável nas suas necessidades. Aprender a compaixão nos arrancará das mãos o controle estrito de nossas vidas.

Uma palavra de vida. “Eu vi o Senhor”. É mais que um relatório sobre um fato. Maria Madalena partilha com seus irmãos o triunfo da vida sobre a morte, da luz sobre as trevas. É uma palavra que oferece a aurora daquilo do que ela foi testemunha “muito cedo pela manhã”.

Catarina de Sena disse a Raimundo de Cápua que nós devemos preferir “Fazer a desfazer ou destruir”.(15) Somos formados como pregadores por meio de nossas conversações corriqueiras na sala comum e nos corredores. O que nos faz descobrir como partilhar uma palavra de vida na nossa pregação é que nos tornamos irmãos que se comunicam palavras de esperança, de ânimo, palavras que constroem e curam. Se só oferecemos aos outros palavras que ferem, solapam, arruinam e destroem, por mais inteligentes e sábios que sejamos, nunca seremos pregadores. Há um ditado polonês que diz: “Um místico esmoreceu, um cínico apareceu”. Devemos ser “cães do Senhor”, mas jamais cínicos.(16)

A palavra do pregador é fértil. Ela frutifica. Quando Maria Madalena encontra Jesus, ela o toma por um jardineiro, E ela não se engana, porque Jesus é o novo Adão no jardim da vida, onde a morte é destruída e a árvore da cruz está carregada de frutos. Por isso, os aliados naturais do pregador, na nossa sociedade, são os criadores. Quem se esforça, para dar um sentido á experiência contemporânea? Quem são os pensadores, os poetas e os artistas que podem hoje ensinar uma palavra criadora para nosso tempo? Eles também podem nos ajudar a sermos pregadores.

Uma palavra que recebemos. Como encontrar esta palavra misericordiosa e criativa? Confessei no começo desta carta que, quando ingressei na Ordem, temia não ser nunca capaz de pregar. É um medo que permanece ainda hoje. É embaraçoso, para um dominicano, confessar que quando me pedem para pregar, minha reação é ainda, muitas vezes, de dizer: “mas eu não tenho nada a dizer”. Mas, o que deve ser dito será dito, mesmo que seja só no último momento. Para receber a palavra que nos foi dada, temos que aprender a arte do silêncio. No estudo e na oração aprendemos a permanecer tranqüilos, atentos, para poder receber do Senhor o que vamos partilhar: “Porque eu recebi do Senhor o que vos transmiti” (I Cor. 11, 23).

Para muitos, guardar o silêncio é a parte mais difícil da formação. Pascal escreveu: “Descobri que toda infelicidade das pessoas vem de uma única coisa: a de não sabermos ficar tranqüilos num quarto”.(17) Em definitivo, o pregador deve amar “as delícias da solidão” porque é então que recebemos os dons. Devemos nos colar à nossa cadeira, não para adquirir um conhecimento magistral, mas para estarmos vigilantes e prontos quando chegar “inesperadamente como um ladrão durante a noite”. No fim, talvez cheguemos a amar este silêncio que é o centro profundo de nossa vida dominicana. É o tempo dos dons, tanto na oração como no estudo.

Ele exige disciplina. “na verdade, és um Deus escondido” (Isaias, 45, 15). Para detectar a presença de Deus, temos necessidade de um ouvido sensível, como o do caçador. Eckart pergunta: “Onde está este Deus, a quem todas as criaturas procuram, e do qual todos recebem seu ser e sua vida? Como uma pessoa que se esconde, e que, tossindo, se trai, assim é

Deus. Ninguém é capaz de descobrir Deus, se Ele não se revela”. Mas Deus está ali “tossindo” discretamente para chamar a atenção, dando pequenas pistas àqueles que são capazes de ouvir, se ficam em silêncio. Mais para a frente, no seu devido tempo, vocês serão sobrecarregados por solicitações que lhes tomarão todo o tempo. É agora o momento propício para criar o hábito do silêncio regular na presença de Deus, ao qual vocês deverão aferrar-se durante toda a vida. Ele fará a diferença entre o simples sobreviver e o florescer como dominicano.

**Frei Timothy Radcliffe OP**

*Mestre da Ordem*

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>